

5 Conclusão

Em 1959, ocorreu a Revolução Cubana, que causou não só uma mudança radical em Cuba, mas também transformou as relações de poder no Caribe e em toda a América Latina, trazendo uma alternativa ao controle e ao desenvolvimento do capitalismo norte-americano. As conseqüências dessa revolução foram importantes sobretudo para os Estados Unidos, pois Cuba era o local de numerosos e rendosos investimentos, além de um centro turístico para os norte-americanos. A ditadura de Batista representava a segurança desses interesses. Castro, porém, impôs coordenadas muito diferentes. Embora a princípio tivesse declarado não se tratar de uma revolução comunista, foi paulatinamente se acercando da esfera soviética. Levou a cabo medidas de nacionalização de empresas e de expropriação de bens e de propriedades norte-americanas, além de políticas que favoreciam o campesinato e a classe trabalhadora, como a reforma agrária. Essa guinada não agradou aos Estados Unidos, que, em 1961, reduziram a zero a cota açucareira de Cuba e, em 1962, declararam o bloqueio comercial total à ilha³⁰⁶.

A Espanha reconheceu imediatamente o novo governo em Cuba. Se as relações Espanha/Cuba tinham melhorado com Batista, surpreendentemente com Castro e o socialismo melhoraram ainda mais. As possíveis causas seriam:

1. O desejo do regime franquista de praticar uma política externa independente em relação ao bloco americano levou a Espanha a manter ligações com um regime que os Estados Unidos estavam enfrentando;
2. O forte antiamericanismo de Franco, a hispanidade e a recuperação da influência perdida no local que antes havia sido uma parte importante do império espanhol;

³⁰⁶ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.33.

3. A possibilidade de competir economicamente com os Estados Unidos era importante para Franco. Assim, as relações comerciais Cuba/Espanha estabeleceram-se sem problemas diante do interesse mútuo. Para Cuba, era interessante ter um sócio comercial capitalista que diminuísse a sua dependência em relação ao CAME³⁰⁷.

Assim, os contatos comerciais e culturais foram incrementados, foi instituído um Escritório de Comércio Cubano em Madri, firmou-se um tratado comercial. Aconselhado pelo embaixador espanhol em Cuba, Pablo de Lojendio, o governo de Franco mostrou prudência, levando em conta as mudanças políticas radicais na ilha. Os meios de comunicação espanhóis não criticavam Castro, já que esse, até então, não havia manifestado qualquer crítica em relação à Espanha. Dessa forma, o regime franquista optou pela não-discriminação, seguindo fielmente a Doutrina Estrada, assinada no México em 1930, que afirmava o direito de cada Estado de constituir-se politicamente de maneira independente³⁰⁸.

Logo após o incidente diplomático envolvendo o próprio Lojendio, começaram as expropriações dos interesses espanhóis e a expulsão das ordens religiosas, majoritariamente compostas por espanhóis. Apesar de tudo, Franco considerou que “as contingentes questões políticas não deveriam interferir no nexo histórico comum”³⁰⁹; assim, a Espanha continuou mantendo suas relações comerciais e diplomáticas – agora reduzidas a encarregados de negócios – com Cuba, apesar do bloqueio norte-americano. A idéia de manter a todo custo a unidade histórica comum hispano-americana assim como o mercado antiamericanismo do regime de Franco explicaram a resposta espanhola à atitude cubana.

A Espanha continuaria, dessa forma, mantendo seu *status* de nexos cultural e histórico entre a Hispano-América e a Europa, assim como poderia plantar as raízes da futura Comunidade Hispânica de Nações. O discurso oficial centrava-se

³⁰⁷ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.33.

³⁰⁸ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.34.

³⁰⁹ FRANCO SALGADO-ARAÚJO, F. **Mis Conversaciones Privadas con Franco**. Barcelona: Planeta, 1976. p.280.

na soberania dos Estados na determinação de seus regimes políticos, por se tratar de um assunto interno que não afetava em absoluto as relações internacionais. O respeito mútuo, segundo o governo espanhol, era indispensável para a convivência entre as nações³¹⁰.

A Doutrina Estrada se converteu, para muitos países, em uma cláusula de enfrentamento à situação da Guerra Fria, pois se expressava no neutralismo dos Estados e num não-alinhamento. A Espanha dizia respeitar fielmente essa doutrina, ao mesmo tempo em que se instalavam em seu território as bases norte-americanas, acontecimento que a alinhava claramente no bloco ocidental, eliminando qualquer neutralismo que dizia praticar na cena internacional³¹¹.

Para Fuster Polvoreda, o jogo duplo de Franco em relação à Hispano-América em geral e para Cuba em particular acabou por lhe trazer problemas, pois, em 1963, os Estados Unidos pressionaram a Espanha para que cessasse seu comércio com a ilha. Até 1964, essas ameaças não haviam surtido qualquer efeito. Nesse mesmo ano, os Estados Unidos suspenderam a ajuda aos países que não haviam aderido ao bloqueio. Em relação à Espanha, praticamente toda a ajuda foi suspensa, com exceção da militar – devido à Guerra Fria e às bases em solo espanhol.

Houve uma mudança significativa na política exterior espanhola nessa época. O ministro dos Assuntos Exteriores, Martín Artajo (1945-1957), foi substituído por Fernando Maria Castiella (1957-1969), que introduziu relações mais críticas com os Estados Unidos. Embora Artajo tenha introduzido o pan-americanismo como compatível e complementar ao ideal hispano-americano, Castiella ideologizou o projeto da Comunidade Hispânica de Nações e deu ênfase aos princípios da não-intervenção da Doutrina Estrada, enfrentando-se com os Estados Unidos. Procurou aumentar os contatos comerciais e econômicos³¹² e firmou um *modus vivendi* comercial com Cuba.

³¹⁰ FRANCO SALGADO-ARAÚJO, F. **Mis Conversaciones Privadas con Franco**. Barcelona: Planeta, 1976. p.280.

³¹¹ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.36.

³¹² Vale notar que esta é a fase do auge da economia espanhola, quando se elabora o Plano de Estabilização Econômica (1959). Todavia, não se havia chegado ainda a um acordo com a Comunidade Européia, daí a importância de buscar outros parceiros comerciais.

O perfil marcadamente anticomunista que o regime de Franco não cansava de apregoar contrastava com a aplicação da Doutrina Estrada no caso de Cuba. Castiella teve o encargo de tornar aceitáveis suas relações comerciais e politicamente “neutras” com o regime de Castro, ao mesmo tempo em que se professava o anticomunismo. Para ele, isso se justificava pelos princípios das Nações Unidas de não-intervenção, os quais se coadunavam com a Doutrina Estrada. Disse Castiella, em 1960: “ Nós não nos ligamos à temporalidade de um regime ou de um governo, mas somente ao que é de hoje, amanhã e sempre: a permanência da hispanidade”³¹³.

Aqui está mais um dos pressupostos que ajudam o regime franquista a continuar suas relações com Cuba: a hispanidade. Isso não significava o abandono do anticomunismo. Cuba representava para Castiella um aviso do que poderia acontecer a outros países. Sendo mais compreensivo que os norte-americanos em relação à instalação do comunismo na América Latina, afirmava que:

(...) as lutas populares nada mais eram do que o reflexo de situações insatisfatórias de justiça social e da distribuição da riqueza, (...) cuja solução passava pelo reforço dos valores da hispanidade como fonte de resistência ao comunismo – sendo importante ter acesso a Cuba para poder influenciá-la ideologicamente – e por uma maior cooperação entre os Estados que permitisse o desenvolvimento da América Latina, (...) pois o desenvolvimento eleva o nível de vida dos cidadãos. Por conseguinte, fá-los aceitar o regime em que vivem³¹⁴.

Com a morte de Franco em 1975, morre também um regime conservador-tradicionista que conseguiu aceitação internacional em troca da cessão de soberania – caso das bases norte-americanas – e que, por meio da repressão política e da manipulação ideológica, manteve-se no poder na Espanha por tão longo tempo.

³¹³ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.37-38.

³¹⁴ FUSTER POLVOREDA, C. **El Pragmatismo en Política Exterior**: la relación especial entre España y Cuba. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Autônoma de Barcelona, 1995. p.38.

5.1. Considerações finais

Em suma, vimos que a hispanidade e o antiamericanismo são relevantes para explicar a permanência das relações entre a Espanha franquista e Cuba pós-revolucionária. Porém, o elemento pragmático ajuda a explicar como a Espanha pretende se inserir na comunidade internacional e, ao mesmo tempo, se salvar da crise econômica. Finalmente, chega-se à conclusão de que apenas a conjugação das duas variáveis – as identitárias e o pragmatismo – oferece uma explicação que lide realmente com a complexidade das relações hispano-cubanas.